

# UM TRAJETO PELA CASA COMUM: ORIGENS DO ECUMENISMO

Daniele Rocha Saucedo<sup>1</sup>

## RESUMO

Em grego, a palavra οἰκουμένη (oikoumene) pode ser traduzida como “o mundo habitado”; nela, o elemento central é “oikos”, “casa”, que evoca compartilhamento, convivência e reconhecimento entre semelhantes. Transposta para o ambiente das religiões, oikoumene gerou “ecumenismo”, termo associado pastoralmente à unidade das igrejas cristãs. Neste artigo, apresentamos uma síntese desse trajeto pela “casa comum”, ou seja, do ecumenismo, desde sua origem até a chegada à América Latina e ao Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecumenismo - Casa Comum - Concílio Vaticano II – Unidade cristã

## Introdução

Em seu caminhar, o movimento ecumênico avançou de maneira mais incisiva, em especial na América Latina, a partir dos anos 1960. O Cardeal Cicognani, no decorrer da segunda sessão do Concílio Vaticano II, afirmou: “a Igreja Católica é ecumênica desde sua origem”. Uma Igreja que mantém a unidade na catolicidade poderia, enfim, perceber-se ecumênica. A discussão, por certo, não se encerrou e não se encerra aí. Como observava Dom Javierre, “a Igreja não poderia ser considerada ecumênica, porque busca pinçar nas suas declarações oficiais uma grande quantidade de matizes de orientação francamente antiecumênicas”. (JAVIERRE, 1977, 17-18)

A palavra *oikoumene* provém do grego clássico οἰκουμένη (oikoumene) e se relaciona, na sua origem, à morada (*oikos*), ao assentamento, à permanência e ao mundo habitado (*he oikomene ge*). Passou ao latim como “oecumenicus”, tendo um sentido de “coisa geral, universal”.

As iniciativas ecumênicas a partir de meados do século passado, e também a obra *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*, do teólogo Elias Wolff. Javierre e Wolff podem ser vistos, no presente contexto, como complementares, na medida em que o primeiro aborda a “jornada geral” do ecumenismo, desde sua origem – mas, especialmente, em seu contexto cristão – até sua chegada à América Latina, enquanto o segundo foca sua atenção no caso brasileiro.

Com a Reforma Protestante e seus representantes, a partir do século XVI, rompe-se fragorosamente uma unidade cristã até então mantida a duras penas pela Igreja Católica no Ocidente. Grande havia sido, aliás, o trauma da outra divisão, o chamado “Cisma do Oriente”, que levou à separação das Igrejas Católicas do Oriente e do Ocidente cinco séculos antes.

---

<sup>1</sup> Daniele Rocha Saucedo é mestra em História pela Universidade Federal do Paraná, docente na Escola de Educação e Humanidades da PUC-Curitiba/PR. O artigo original que deu origem a essa contribuição está publicado na Revista **Pesquisas em Teologia**. V. 4, n. 8, 2021, PUC-Rio.



## 1. *Oikoumene*: a “casa comum” e a unidade cristã

A raiz primeira da qual provém outros termos é *oikos*, casa, lugar em que se mora, espaço habitável e habitado. *Oikoumene*, significa, assim, o mundo habitado em que coexistem diferentes povos, com diversidade de línguas e culturas. “Mas em seu sentido primeiro, seria a terra habitada pelos helênicos”, isto é, por um povo civilizado que oferecia uma cultura aberta a todos, dando essa unidade básica de cosmovisão exigida por uma civilização autêntica. ( NAVARRO, 1985, 10)

Em muitas civilizações, a palavra “casa” se reveste de um poderoso significado, que vai além de uma semântica instrumental mais estrita. “Casa”, enfim, reflete muitas coisas, sentimentos, pertencimento. É o que se percebe na língua grega e na Grécia, civilização formada por cidades-estado que, a despeito de sua independência, orgulho e nativismo, conseguiam se perceber como uma unidade – algo que já se vê desde a “Ilíada” (em que reinos gregos se unem para lutar contra troianos) e que ganha relevo, por exemplo, nos enfrentamentos entre gregos e persas.

Navarro elenca outros termos gregos clássicos associados a *oikos*:

- oikos*: casa, vivenda, aposento, povo.
- oikeiôtês*: relação, aparentado, amizade.
- oikeo*: habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado.
- oikmwmeô* (verbo): administração, encargo, responsabilidade da casa.
- oikownene*: terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo. ( NAVARRO, 1985, 10)

Logo, *oikos* pode ser a casa onde se mora ou o local onde se desenvolve a família. A família e o lugar comuns ou tornados comuns por algum fator. Entre os gregos, por exemplo, esta condição era dada pelo idioma, pelas trocas comerciais e pelo “mar comum”, compartilhado, que unia diversos povos. A própria “Pax Romana”, na qual - sob o jugo das armas, leis e estradas -, muitos povos passaram viver sob a influência romana, é um símbolo de ecumenismo.

Traços do termo ecumenismo já estão presentes na Igreja primitiva, com os padres da Igreja. Nos concílios de Nicéia (324) e de Constantinopla (381), a palavra *oikoumene* representa a Igreja universal e é utilizada na denominação de concílio ecumênico e, ainda, “para designar as doutrinas e usos eclesiais que são aceitos como norma de autoridade e dotados de validade universal em toda a *Igreja Católica*”. ( NAVARRO, 1985, 10, grifo do autor)

### 1.1. A Constituição do Ecumenismo

Como vimos, *oikoumene* passa a ser usado e se consolida na literatura eclesiástica a partir dos primeiros quatro concílios da Igreja – Niceia (325 EC), Constantinopla (381), Éfeso

(431) e Calcedônia (451), focado especialmente na unidade das igrejas cristãs de então. (NAVARRO, 1985, 9-10)

A partir de então, cinco grandes sedes da Igreja – marcos da *oikoumene* – eram mantidas em honra especial. Uma ordem de precedência foi estabelecida de forma decrescente: Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém.

Será somente no século XVII, após a Reforma Protestante e o novo fracionamento institucional da Cristandade europeia, que o significado religioso de “ecumenismo” vai ganhar novo sentido: um sentido de unidade que se faz presente e ganha relevo, inclusive, em meio à contradição experimentada por conta da perspectiva de separação.

Damos um salto para o século XX, quando, após séculos que implicaram descrédito e discussões a respeito do Cristianismo e até da necessidade de religiões (com eventos como a Revolução Francesa e pensadores como Marx e Freud), o termo ganhou força renovada a partir de organizações cristãs de viés dialógico. A ideia era a de reconstrução de pontes para a retomada da “casa comum”.

Segundo Zwinglio M. Dias, (DIAS, 1998, 139) na década de trinta do século passado os movimentos compostos pela Conferência Mundial do Cristianismo Prático (Movimento de Vida e Ação), pela Comissão de Fé e Ordem, pela Aliança Mundial para a Amizade Internacional Através das Igrejas, pela Associação Cristã de Moços (as) e pela Federação Mundial de Estudantes Cristãos expressaram seu desejo de integrar um único organismo.

## **2. Caminhos do ecumenismo no Brasil**

Segundo Wolff, (WOLFF, 2001, 91) há três grandes momentos do ecumenismo no Brasil: o primeiro que é exclusivamente interprotestante (1903-1960); o segundo, com a participação de católicos e anglicanos (1960-1982); e o terceiro, a partir da formação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC, em 1982.

O autor enfatiza que o movimento ecumênico no Brasil foi protagonizado pelos missionários protestantes e caracteriza-se pelos seguintes elementos: acentuação da herança comum protestante (como as orientações dos reformadores e a ênfase na conversão pessoal), a unificação dos projetos de evangelização e a oposição ao catolicismo romano. (WOLFF, 2001, 91)

Na história do ecumenismo brasileiro três fatos merecem destaque. Estes são apontados por Elias Wolff como a “primeira fase” da história do movimento ecumênico brasileiro: o surgimento da Aliança Evangélica Brasileira AEB (1903); da Comissão Brasileira de Cooperação CBC (1920) e da Confederação Evangélica Brasileira CEB (1934). (WOLFF, 2001, 91)

## **2.1. Principais frutos do congresso no Panamá para o Brasil**

Wolff ressalta a importância da realização do Congresso do Panamá, realizado em 1916, e de sua importância para o Ecumenismo no Brasil (WOLFF, 2001, 91). A partir desse evento fortaleceram-se os planos da Aliança Evangélica Brasileira – AEB, com a finalidade de elaborar lições comuns para a escola dominical e unificar as impressas e os estoques de livros no Rio de Janeiro.

No mesmo ano, realizou-se a Primeira Conferência Evangélica Brasileira (14 a 18 de abril), na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Em 1918, foi criada a Comissão Brasileira de Cooperação-CBC, cujas atividades iniciaram-se dois anos depois, em 1920, tendo como primeiro presidente o líder presbiteriano Erasmo Braga.

Nos anos 30, as iniciativas ecumênicas tomaram força na América Latina, principalmente após a realização dos congressos continentais de Montevideu (1925) e Havana (1929). Tais eventos influenciaram os esforços pela unidade.

### **2.1.1. Abertura das fronteiras ecumênicas**

Wolff (WOLFF, 2001, 91) assevera que o movimento ecumênico no Brasil se expandiu a partir de 1950 graças à intensificação da ação de seus integrantes. O diálogo não ocorre apenas no interior do protestantismo missionário, mas, também com luteranos, anglicanos, com o Conselho Mundial de Igrejas e, inclusive, com membros da Igreja Católica Romana.

Nos anos 1960, a Igreja metodista cria estruturas que lhe permitem desenvolver o espírito ecumênico, como a Comissão Ecumênica Intereclesiástica, criada com o Concílio Vaticano II (1962-1965). O Vaticano II propôs uma renovação do catolicismo, em sua teologia, suas estruturas, sua ação pastoral. O ecumenismo colocava-se, também como causa e consequência da renovação em várias esferas da Igreja.

“O Concílio foi um ato ecumênico em si mesmo e não é possível compreendê-lo sem considerar esse fato”. (WOLFF, 2001, 404) A partir do Concílio Vaticano II, o ecumenismo tornou-se uma forte expressão de muitos cristãos católicos.

Existe, portanto, uma intrínseca relação entre Concílio Vaticano II e ecumenismo, o que permite afirmar que somente onde o Concílio foi assumido de modo efetivo é que o ecumenismo ganhou espaço no jeito de a Igreja Católica ser e agir. Neste processo, houve abertura para o diálogo com as diferentes tradições eclesiais, religiosas e culturais, tanto no âmbito local quanto no âmbito universal.

O clima do Concílio do Vaticano II conduziu líderes de outras igrejas cristãs a se aproximarem dos católicos romanos. Reconhecendo as transformações ocorridas na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, os bispos metodistas vão afirmar que:

Incorrerá em erro grave quem julgar a Igreja Católica Romana atual à luz do catolicismo medieval, isso porque “força é reconhecer que nas atitudes com os outros ramos do cristianismo [...]. A mudança foi grande na Igreja Romana”. (WOLFF, 2001, 91)

## Conclusão

No presente artigo, nos dispusemos a apresentar uma trajetória sintética do ecumenismo, desde sua concepção etimológica à sua chegada, no contexto institucional cristão, ao Brasil. Para tanto, fizemos uma leitura do tema a partir de alguns autores relevantes no campo – como Elias Wolff e Zwinglio M. Dias – e apontamos algumas reflexões que são fruto desta revisão bibliográfica.

Este artigo também é fruto de aulas, conversas e trabalhos apresentados por estudantes e pesquisadores e, especialmente pelas leituras realizadas para a apresentação de um seminário sobre o mesmo tema. Dessa forma, ressalto que, para esta pesquisa pessoal, trata-se de um tema novo e com um caminho ainda a percorrer. Alguns elementos importantes foram apontados neste artigo com a intenção de suscitar futuras pesquisas.

Nossa intenção foi esboçar um entendimento histórico acerca do ecumenismo e construir algumas reflexões a respeito do tema.

### Para reflexão:

1. Qual a relação do termo oikoumene com a dimensão ecumênica abraçada pelas igrejas cristãs?
2. Qual a importância da dimensão ecumênica para nossos tempos?

### Referências bibliográficas:

- ALÈS, P. **Primeiro Concílio de Éfeso (431)**. Pintura na Igreja de Notre-Dame de Fourvières, França.
- APOLOGISTAS DA FÉ CATÓLICA, 2020. Disponível em: <<https://apologistasdafecatolica.wordpress.com/2018/01/27/o-concilio-de-efesio-431-d-c/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- BÍBLIA da mulher de fé. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo**. Vaticano, 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html)>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- CRANACH, L. **Retratos de Martinho Lutero (1483-1546) e Phillipi Melanchton (1497-1560)**. 1558. 1 original de arte, óleo sobre tela, 88.6 cm x 61.3 cm. Coleção Museu de Arte da Carolina do Norte.
- DIAS, Z. M. O Movimento Ecumênico: história e significado. **Numen**, v. 1, n. 1, p. 127-163, 1998.
- JAVIERRE, A. **La Unión de las Iglesias**. Ciudad de Guatemala: Instituto Teológico Salesiano, 1977.
- NAVARRO, J. B. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995.
- WOLFF, E. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil: História, Teologia, Pastoral**. São Paulo: Paulos, 2001.